

# ESTUDAR MACHADO COM A PERSPECTIVA QUEIROSIANA DE GUERRA DA CAL: A NECESSIDADE DE UM PROJECTO CANONIZADOR “À PROCURA”

Elias Torres Feijó & Joel R.Gómez  
(Grupo de Investigação Galabra  
Universidade de Santiago de Compostela)

## RESUMO

Desde os finais da década de 50 foi solicitado, desde diferentes sectores brasileiros, a Ernesto Guerra da Cal que dedicasse a Machado de Assis um estudo do mesmo teor que a Eça de Queirós. Pretendia-se umha capitalização e umha projecção como as atingidas pola obra e a figura de Eça através dos mecanismos e o agente que as impulsionara no caso do escritor português. Apesar dos esforços e de diferentes contributos e depoimentos em que ofereceu uma muito alta valorização do produtor brasileiro, o projecto nom se concretizou, e afinal aquela demanda contribui para afiançar um duplo processo de canonicidade, que colocou Eça no centro do campo literário e Da Cal no dos estudos literários portugueses; e para evidenciar a importância de determinadas projecções simbólicas e identitárias em espaços sociais e campos culturais como neste caso o brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; Eça de Queirós; Guerra da Cal; processo de canonicidade; capital simbólico; identidade.

Em Dezembro de 1958 o *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro noticiava na capa, com manchete de destaque, que “Guerra da Cal vai estudar o estilo de Machado de Assis”. Nom era a primeira vez que na comunicação social brasileira se difundia esta informação.<sup>1</sup> No entanto, ao se encontrar inserida em lugar tam preferente, numha publicação que era referência para os campos literário e da crítica literária brasileiros, e em data tam próxima da do cinquentenário da morte do produtor de *Dom Casmurro*, estava-se a frisar a oportunidade daquele

estudo em duas direcções: a de que um crítico literário com umha posição central no campo, dedicando o seu trabalho a Machado de Assis, dotava de maior capital simbólico e centralidade (inter-)sistémica (a começar luso-brasileira e, em geral, no cânone ocidental) ao escritor; e a da confirmação dessa mesma centralidade machadiana, ao ser objecto de igual atenção que o fora, com muito bons resultados nesse sentido, o seu par e assim homólogo Eça de Queirós. Isto, produto da autoria dum professor dos USA, que acrescentava ainda esse capital simbólico.

Com efeito, isso estava a acontecer já com Eça de Queirós, de que Da Cal tinha publicado na altura o conhecido estudo *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* (1954) e boa parte dos verbetes dedicados ao autor de *A Relíquia* no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira* (1956-1960), para além de diferentes trabalhos (DA CAL 1944, 1946, 1947, 1952-1953; e *Sem Autor*, 1-IV-1946) em revistas e publicações especializadas dos EUA, facilitando a maior projecção em língua inglesa e a conseguinte internacionalização. Estes dous factores eram vistos como decisivos para que prosperasse o projecto canonizador de Machado anelado pelas elites e grupos dirigentes da cultura brasileira.

Ernesto Guerra da Cal (Ferrol, 1911-Lisboa, 1994; exilado nos EUA, como perdedor da Guerra de Espanha, entre 1939 e 1977) era umha pessoa certa para aquele empreendimento. Em primeiro lugar, pola sua posição como Professor Catedrático e *Chairman* do Departamento de Espanhol e Português da New York University (NYU), instituição que naquele mês de Dezembro de 1958 inaugurava, com apoio ao mais alto nível do Governo presidido por Juscelino Kubistchek, um Instituto Brasileiro, de que Da Cal fora principal artífice. Era também conhecido nas principais universidades brasileiras, que tinha visitado em Novembro de 1958 para seleccionar alunado com ensejo de realizar umha estada formativa nos EUA. Talvez, ser utente da mesma língua e a comentada índole aberta e cordial da sua personalidade facilitavam igualmente o relacionamento com ele.

Além disso, sabia-se que no seu trabalho de pesquisa se tinha ocupado de Machado, indigitando o emblema da Academia Brasileira de Letras de figura superior, de grande relevo polo estilo e pola psicologia das suas personagens. Assim, aos 21 de Julho de 1952, num dos primeiros programas em que se ocupou de assuntos respeitantes à cultura luso-brasileira na *Voz de América*<sup>2</sup>, focou a tradução das *Memórias Pós-*

*tumas de Braz Cubas*, a primeira das narrativas machadianas vertida em língua inglesa. Qualificou-a de “um bem extraordinário livro”, “obra completíssima” e “uma das obras de Ficção em que Machado de Assis, mais fortemente, mais autenticamente projetou o seu ser íntimo”, mas com “debilidade estrutural”, que já lhe fora apontada aquando da edição príncipe por críticos como Capistrano de Abreu ou Macedo Soares. Defende Da Cal que teria sido melhor umha apresentação no mercado dos EUA com *Dom Casmurro* ou *Quincas Borba* “que são, na nossa humilde opinião, romances mais sólidos, mais arquitecturados, mais clássicos –no sentido estético da palavra”. Parabeniza o tradutor, o seu colega na NYU William Grossman, qualificando a versom de “excelente. Só algumas vezes, poucas, o estilo do inglês, muito espontâneo, não é totalmente fiel à maneira de dizer do original português: purista, abstracta, duma urbanidade contida e calculada”.

O carácter intermediário de Da Cal era, pois, de relevo, entre o inersistema luso-brasileiro e o de língua inglesa.

Na *Collier's Encyclopedia*, publicada em vários volumes nos EUA entre 1952 e 1953 e várias vezes reeditada, Da Cal destacou Eça no verbete “*Portuguese Literature*”; mas o seu trabalho principal nesse repositório tinha como alvo a literatura brasileira, oferecendo uma visom do seu cânone através de artigos dedicados a Casimiro de Abreu, José de Alencar, Aluizio de Azevedo, Castro Alves, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias e Machado de Assis, sete figuras centrais. O maior espaço era conferido a Machado, a quem apresentava como um escritor que, no seu desenvolvimento, nom fora praticamente influenciado pelas tendências literárias coevas, e que se tinha esforçado constantemente pela perfeiçom absoluta com o fim de avançar com firmeza para a meta que se tinha marcado. Define-o como figura única, fria, tímida e céptica, interessado no mecanismo da alma humana, e

Realistic stories of hopelessly mediocre characters in a drab, bourgeois setting form the core of his fiction, but he probes deeply into the innermost recesses of the spirit with a clairvoyance that bares the misery he sees in all human souls. His closely knit style purposely avoids the spectacular and relies on soft nuances. This subtlety is sometimes expressed in a tolerant irony that makes an inner philosophical despair; sometimes it is shown in a humorous benevolence under which one can trace a feeling of bitterly disenchanted acceptance of human perversity and futility. His irony is of an intellectual kind that never relies for its effect upon mere

verbal cleverness. In his famous trilogy, *Braz Cubas*; (1881), *Quincas Borba* (1890), and *Dom Casmurro* (1900) one can see the almost morbid pleasure he takes in sounding the darkest regions of the human soul. But with his delicate humor, his sense of balance and good taste, and the purposeful restraint of his classic style, this implacable pessimist leaves the impression that he does not unveil all that he sees inside man. His humor, though reticent and deceptively innocent, leaves a bitter aftertaste which reminds us more of the irony of Thackeray than of the witty and direct corrosiveness of Voltaire or Anatole France. (DA CAL, 1952-1953)

O estilo, a ironia, o humor, o desenho das personagens e o comparatismo, elementos muito presentes nos seus estudos queirosianos, assomam também marcantes neste trabalho em que refere assim mesmo a Machado como o mais grande escritor brasileiro (“*Brazil’s greatest writer*”).

No estudo sobre a língua e o estilo de Eça de Queirós, é citado Machado, só por duas vezes, mas muito significativas: a primeira (DA CAL, 1954, p.4) para indigitá-lo entre os principais nomes da bibliografia brasileira de Eça, colocando-o mesmo de primeiro numa relação dos 15 vultos que distingue “entre outras numerosíssimas firmas” que dedicaram atenção ao romancista português: umha primazia para a qual contribuía a bem conhecida polémica por *O Primo Basílio*, entre outros elementos que anos mais tarde ficaram reflectidos nos 122 verbetes que lhe outorgará nos seis volumes da (DA CAL, 1975-1984) *Bibliografia Queirociana*, em que será um dos produtores mais citados. A segunda ocasiom tinha ainda mais especial notabilidade, pois colocava-o (DA CAL, 1954, p.206), junto com o francês Jules Michelet e o próprio Eça, entre os autores que tinham ultrapassado Cervantes, a figura central do cânone da narrativa na concepção da doutrina docaliana, no uso de um recurso estilístico que consistia em “hacer depender del verbo dos elementos de natureza dispar, generalmente uno concreto o físico, y otro de índole moral. En un sentido muy amplio, este recurso cae dentro de lo que la antigua retórica conocía bajo el nombre de *zeugma*” (DA CAL, 1954), citando um exemplo extraído da narrativa de *Braz Cubas*.

Esses trabalhos eram com certeza conhecidos polos machadianos brasileiros<sup>3</sup>, e viam neles um modelo para aplicar àquele autor e conseguir que ultrapassasse o âmbito brasileiro e português, vingando assim mais no exterior, com maior volume de traduções e espaço crítico em

outros sistemas literários, favorecendo uma maior projecção da cultura e a literatura brasileiras, com os consequentes benefícios de prestígio e mesmo económicos. Naquela altura, nos campos culturais, possuir algum escritor que pudesse cumprir esses objectivos era umha das fórmulas certas para ganhar ou manter essa visibilidade e presença culturais exteriores, da que derivavam, como hoje também (com pessoas do cinema, a música, a fotografia, etc.), presumíveis benefícios de outro teor. Além de que o eco no estrangeiro contribuiria para reafirmar e realçar a posição central e preeminente que se lhe nom discutia a Machado no Brasil (e que, sobretudo, o convertia em canal dos valores ou ideias que através dele se quisesem veicular) como “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira”, síntese com que será conceituado anos mais tarde por Alfredo Bosi (1997).

Assim se espelhará em 1959 no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado na Bahia, em que Machado e Eça foram os produtores centrais de que se ocupou a secção de Literatura. Mas sobretudo em 1960, no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, organizado no Recife por Eduardo Portella<sup>4</sup>, e que visava umha renovação metodológica que tomasse em conta os contributos da estilística e da literatura comparada, precisamente os dous paradigmas centrais em que se amparava Da Cal. Esse encontro da capital pernambucana contou com a presença de figuras de relevo internacional, e Da Cal foi Convidado de Honra, junto com o francês Jean-Paul Sartre. Na sequência das intervenções apresentou-se um relatório, defendido por Sílvio Elia, que claramente alertava para a necessidade de seguir o exemplo da pesquisa realizada por Da Cal sobre a língua e o estilo de Eça, que qualificava de “conhecido e valioso estudo” (ELIA, 1964, p.41), citando-o em diferentes ocasiões na análise que efectuou do livro de contos machadiano *Sílvio e Sílvio*. Ainda naquele congresso merece destaque o contributo de Alceu Amoroso Lima, figura consagrada e legitimadora entre a crítica brasileira coeva, quem enviou mensagem, lida no congresso e reproduzida nos *Anais*, em que recomendava “acima de tudo, seja a crítica uma obra de amor” (LIMA, 1964, p.289); frase esta que não podia deixar de evocar a “Nota Prévia” do antes assinalado livro de Da Cal, que principiava justamente afirmando: “Este estudo é obra de amor. Um amor já antigo. Amor que me levou, muito cedo na minha vida, a internar-me com uma curiosidade gozosa pelas verdes veigas e as praias sonoras da literatura portuguesa” (DA CAL, 1954, VII).

Gerara-se, pois, umha necessidade de estudar Machado com a perspectiva queirosiana utilizada por Da Cal, e assim se reconhecia publicamente. Com Da Cal, vinha umha das perspectivas metodológicas de maior prestígio internacional no campo dos estudos literários. E Da Cal prestava-se gostoso para realizar aquele labor, como tinha anunciado e mesmo reiterado.<sup>5</sup>

Passaram os anos e aquele trabalho nom se concretizou. Mas regressou para o primeiro plano anos mais tarde, no período 1970-75, através de depoimentos na comunicação social brasileira, quer na imprensa diária como especializada. Em Janeiro de 1970, outra vez no *Jornal de Letras* do Rio, Da Cal reiterava, em entrevista concedida ao director de aquela publicação, Elysio Condé, a possibilidade de estudar Machado “um projeto que acalento há muitos anos e venho me debruçando sôbre o grão mestre do romance brasileiro e universal. Julgo que o estilo de Machado de Assis, mais hermético e difícil de analisar e dissecar do que o eciano, está pedindo uma análise em profundidade”. Este depoimento era publicado no tempo em que tinha lugar o lançamento da tradução brasileira do seu estudo de 1954. Em dez anos, o projecto nom fora adiante, ninguém preencheu o vazio sentido e, o que é mais importante, ao mesmo tempo, conservava-se a necessidade do mesmo, o que indica a permanência de algumas construções culturais-identitárias como estas. Da Cal insistia em salientar a “universalidade” machadiana, com o que ressaltava que o seu interesse ultrapassava as fronteiras lusíadas, mas também alertava da falta de um “estudo em profundidade” para que progredisse o seu processo de canonicidade, com o que criticava as carências da produção existente no Campo da Crítica Literária brasileiro e lusófono.

Com ensejo do lançamento de aquela tradução, Da Cal interveio em dous ciclos de conferências organizadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em ambos os dous com referências a Machado de Assis<sup>6</sup>. As principais foram nas três palestras proferidas subordinadas ao título *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projecção no Romance Ibérico*, que darám pé à edição, em 1973, de um volume com esse mesmo título. As alusões a Machado foram altamente canonizadoras: na primeira conferência assinalou que Cervantes, no *Dom Quixote*, aludiu “ao caráter forçosamente intermimo, ou interminável, de todo o relato autobiográfico, pela impossibilidade do heroi contar a sua própria morte – (milagre este realizado, porém, por Moisés

na Bíblia e por Brás Cubas)” (DA CAL, 1973, p.15); na segunda, defendeu que “Com Benengeli como instrumento, Cervantes pode praticar a técnica que Mendilow chama de ‘split-time’ ou ‘Shift-time’, técnica essa favorita de Sterne, que Machado de Assis cultivou e que fascinhava Thomas Mann” (DA CAL, 1973, p.41); e na terceira conclui que a narrativa *A Relíquia*, de Eça “é entre todas as suas obras traduzidas aquela que a crítica alheia considerou mais universal – quiçá porque, como Cervantes, ou como Machado de Assis, Eça soube nela infundir de validade super-espacial e super-temporal os elementos substantivos da sua cultura e do seu tempo” (DA CAL, 1973, p.94). Na primeira dessas citações afirma mais uma vez a superioridade de Machado a respeito de Cervantes, ao ter ultrapassado este por vencer aquela impossibilidade assinalada; e nas outras duas refere o bom trabalho literário de Machado, que teria atingido a perfeição na sua técnica e podia ombrear com os nomes mais canonizados, sobretudo Cervantes, que era para Da Cal, como ficou dito, o centro do cânone da narrativa<sup>7</sup>.

Foram muitos os críticos e jornalistas que se ocuparam da tradução brasileira do estudo docaliano. Entre eles vale a pena referenciar Edilberto Coutinho, quem em Junho de 1970 salientava no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro o “inestimável serviço de difusão cultural que esse homem, desinteressadamente, vem fazendo em favor do Brasil” e finalizava o seu trabalho julgando o livro sobre Eça de “indispensável” e afirmando: “e venha o Machado, mestre Ernesto, com a mesma força criadora, que nunca está ausente da melhor crítica”. Estas palavras finais indicavam como existia interesse naquela orientação crítica defendida por Da Cal, muito em especial por parte dos produtores literários, pois era uma aspiração de que um crítico com o prestígio de Da Cal se debruçasse com semelhante perspectiva textocentrista e se centrasse em salientar as singularidades do estilo, como fizera com Eça: era talvez o que mais podia colmar a vaidade do literato mais exigente.<sup>8</sup> E, também, indicava o locus privilegiado que determinadas obras, produtores, acontecimentos, instituições, etc, têm para dotar de capital simbólico e vertebrar comunidades.

A ausência de aquele tam almejado estudo propiciou que um reputado especialista brasileiro admitisse que Da Cal tinha demonstrado em Eça uma maior variedade e abundância de recursos estilísticos, superior a Machado de Assis (AZEVEDO FILHO, XI-1971).

Machado representava naquela altura um certo fracasso, e desa-

fio, na trajectória docaliana. Porque no longíquo 1941, segundo testemunhava em carta que endereçara para o seu amigo Eduardo Blanco Amor, ele colocava-se a possibilidade da “traducción de algunas de las novelas brasileñas de Machado de Assis”, o que nom se materializou. Como também nom prosperou a publicação de qualquer contributo seu na colecção das *Obras Completas* de Machado publicada pola José Aguilar do Rio. Havia pois como umha resistência para fazer realidade aquelas iniciativas que tinha planejado.

Porém, nem prosperavam os seus projectos, nem se elaborava aquele estudo de Machado que exigiam os grupos de pressom brasileiros para um lançamento exterior mais decisivo do seu principal romancista e activo literário.

As vozes que lhe reclamavam aquele estudo continuaram em 1975, com ensejo de novo deslocamento ao Rio de Janeiro. Mais umha vez será no *Jornal de Letras* dessa cidade onde referirá, em entrevista concedida a José Carlos Borba e publicada em Agosto que:

Os americanos admiram, principalmente, em Machado de Assis, a estrutura de romancista, tendo-o por um notável inovador, criador do romance ambíguo, de que é modelo *Dom Casmurro*. A captação artística das ambivalências humanas, e suas implicações na estonteante tentativa de avaliação de situações que se espraíam ao social, é fenómeno moderno, de reacções múltiplas que tanto se busca interpretar no campo da psicologia e da psiquiatria quanto com elas se defrontam todos no campo crescente dos conflitos imprevisíveis. Machado de Assis, correto, clássico, elegante escritor de linguagem fixada e lúcida, avançou, sem dúvida, revolucionariamente no estudo do carácter humano, fluente e indefinido. Isto é apaixonante e apaixona os leitores de seus romances, conferindo a estes o mérito das criações adiantadas ao tempo e inerentes à dúbia percepção do mundo pelos homens. (DA CAL)

Em 9 de Agosto, no *Jornal do Brasil*, em entrevista a António Carlos Villaça afirma-se que se voltava na altura para o estudo do produtor brasileiro “que considera maior do que Proust”, colocando na sua boca este depoimento:

Agora me volto para Machado de Assis. Quero dedicar-lhe um livro sobre o estilo dele, como fiz com o Eça. Há uns seis anos, tomo notas. Eça é mais fácil. Há uma retórica perfeitamente captável no plano verbal. Eça tem uma pirotécnica fácil. Machado de Assis é profundo. A profundidade de Machado me impressiona. Machado é

um purista, ao contrário do Eça. Eça e Machado são os dois maiores ironistas da língua. São duas ironias diferentes. A ironia em Machado é transversal. É toda metafísica. O estilo de Machado é mais difícil de se lhe enterrar o dente. (DA CAL)

Esse lugar e função de intermediário e canonizador acrescentava-se a cada passo na pessoa de quem aparecia, aliás, nom apenas como intérprete de Machado de Assis, mas como o seu quase exclusivo introdutor e exegeta para o mundo da língua inglesa.

No entanto, também nessa ocasiom nom realizou aquele estudo. Para o abandono do projecto talvez influísse a decepção por se ter frustrado umha aspiração que almejava havia anos e que também refere nessas duas entrevistas: o de ir leccionar no Brasil ao se aposentar na sua Cadeira da City University de Nova Iorque<sup>9</sup> (CUNY).

Só em 1981, num volume de homenagem a Ruben Andresen Leitão editado em Portugal, Da Cal publicou um breve trabalho sobre o conto “Missa do Galo”, em que, novamente, compara Machado com Cervantes, afirmando:

Distingue-se Machado por um traço que é capital em toda a sua arte narrativa. Este traço ou característica é o que poderíamos chamar o equívoco sistemático, a ambiguidade como método de representar e recriar a realidade vital. [...] Seria pretensioso da nossa parte tentar fazer aqui a teoria do conto machadiano, nem pretender referenciar os complexos parâmetros e coordenadas da sua *praxis*. Esse trabalho está ainda por fazer, e esta parte da obra do romancista merece sem dúvida um tipo de atenção crítica que ela ainda infelizmente não recebeu. Machado experimentou todas as formas, tanto as já estabelecidas como outras que ele inventou, desta difícil variedade da arte fictiva. (DA CAL, 1981, p.139 e 140)

Após assinalar possíveis parentescos de contos de Machado com os apológicos á maneira oriental, com os *fabliaux* medievais, e com outros de Hoffman, Villiers de L'Isle Adam, Poe e “etc.”, afirma que “e tem ainda contos, alguns dos melhores, que qualificaríamos apenas de ‘machadianos’”; indigitando como “um dos seus relatos magistrais, no qual atinge os mais delicados matizes e a mais plena eficácia literária, o chamado ‘Missa do galo’” (DA CAL, 1981, p.141). Entra na continuação na análise argumental e estilística desse conto, que pom em diálogo com os “romances picarescos espanhóis do Século de Oiro” e com Sterne, defendendo que “por este caminho, Machado está de facto reagindo contra o chamado ‘realismo’ de escola antecipando formas contingenciais

de ficção que só viremos a encontrar em romancistas como Virgínia Wolf ou Faulkner”.

Neste único trabalho específico que dedicou à análise de um produto de Machado segundo a metodologia estilística e comparatista que defendia, Da Cal insiste em oferecer uma valorização de efeito canonizador, compara-o com grandes vultos do prestigiado intersistema anglófono como Wolf ou Faulkner, e insiste em que nom existia ainda o estudo que necessitava e de que já, de alguma maneira, ele se (auto) convertera em único realizador possível. A construção da sua *auctoritas* sobre a matéria dotava-o, pois, dum grande capital para aparecer como juiz qualificado em qualquer proposta sobre Machado de Assis.

Quando saía dos prelos esse artigo, a *Bibliografia Queirociana*, que ele tinha anunciado no Brasil como próxima a ser publicada em 1959, ainda nom se completara; e os 5.000 verbetes que indicava para esse repositório praticamente se triplicariam no derradeiro volume, editado em 1984, o que testemunha a magnitude de aquele empreendimento. A respeito de uma segunda parte do estudo estilístico-comparativo de Eça, por ele várias vezes assinalada como próxima, passava também para o esquecimento aquele mesmo ano de 1981, em que se reeditava, com a terceira tradução para português, o seu estudo de 1954.<sup>10</sup> Os esforços exigidos para a pesquisa queirosiana tinham ultrapassado as suas previsões e, com independência de outros problemas, talvez nom houvesse tempo vital para combinar as dedicações de semelhante teor aos produtores português e brasileiro.

A respeito da canonização machadiana, começaria a ser efectiva na década de 70, com a publicação dos estudos de Raymundo Faoro (1974) e Roberto Schwarz (1977); e completar-se-á nos anos seguintes com novos contributos de John Gledson (1984-1991), do próprio Schwarz (1991) e outros posteriores. Mas as perspectivas utilizadas eram já outras completamente diferentes.

Entretanto, o anunciado estudo estilístico-comparativo com focagem semelhante à que Da Cal realizou para Eça nom foi preenchido na bibliografia machadiana. Passou o tempo da Estilística, e aquele projecto para canonizar Machado serviu, na prática, para contribuir para um maior engrandecimento e canonização de Eça de Queirós e do próprio Ernesto Guerra da Cal. Este, passou a ocupar uma posição central no queirosianismo e no Campo da Crítica Literária português. Completou-se assim um duplo processo de canonicidade nos campos

Literário e da Crítica Literária, que se pode considerar paradigmático do funcionamento dos mesmos.

Como o vazio simbólico foi preenchido e a posição actual de Machado no cânone ocidental no sistema brasileiro e no intersistema lusófono, à luz das considerações que aqui feitas podem ser bons caminhos para interpretar um segmento importante do campo cultural e dos capitais simbólicos em jogo e o modo de produzi-los nestes últimos cinquenta anos, particularmente no espaço social brasileiro.

Santiago de Compostela, 17 de Maio de 2008.

#### ABSTRACT

Since the end of the 1950's, several Brazilian sectors had asked Ernesto Guerra da Cal to devote Machado de Assis a similar study to that devoted to Eça de Queirós. Such a study aimed at promoting and projecting the former author in the same way as, and to the same extent that both the work and the figure of Eça de Queirós had been promoted by da Cal. Despite the efforts and the different contributions and testimonies which raised the recognition of the contribution of the Brazilian writer, the project never materialized. In the end, the original request contributed towards a two-way process of canonicity: one that has both warranted Eça de Queirós a place in the center of Portuguese literature and da Cal a place in the center of Portuguese literary studies. It has also contributed to show the importance of certain symbolic and identity projections within social spaces and cultural areas, as is the case of the Brazilian writer.

KEY WORDS: Machado de Assis; Eça de Queirós Guerra da Cal; process of canonicity; symbolic value; identity.

## REFERÊNCIAS

### Trabalhos assinados:

AZEVEDO FILHO, Leodegário. Aspectos do romance eciano. In: *Ocidente*, n. 403, p. 277-288, 1971.

BORBA, José Carlos. A Expansão da cultura luso-brasileira nos States. In: *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, VIII, 1975.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CONDÉ, Elysio. Entrevista especial para JL: Professor Guerra da Cal de City University of New York. In: *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, nº 235, I, 1970.

COUTINHO, Afrânio. Ernesto Guerra da Cal, poeta e crítico. In: DA CAL, Ernesto Guerra. *Problemas do romance cervantino e a sua projeção no romance ibérico*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 7-8, 1973.

COUTINHO, Edilberto. Guerra e Eça. Machado é mais difícil. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18-VI, 1970.

DA CAL, Ernesto Guerra. (VII-1941), carta a Eduardo Blanco Amor. Ourense: Biblioteca da Deputação Provincial. (reproduzida in Pérez Rodríguez, Luis, 2002, "Oito cartas de Ernesto Guerra da Cal a Eduardo Blanco Amor", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial. Ferrol en tempo de historia. Recuperación da nosa memoria histórica*, Ferrol: Concelho de Ferrol, p. 89-110).

DA CAL, Ernesto Guerra. Eça de Queiroz e o século XX, de Clodomir Vianna Moog. In: *Revista Hispánica Moderna*, v. X, 1944.

DA CAL, Ernesto Guerra. Ensaio de Crítica. Por Guilherme Moniz Barreto. In: *The Romanic Review*, v. XXXVII, p. 96-97, II, 1946.

DA CAL, Ernesto Guerra. Eça de Queiroz. In: *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, Horatio Smith. Nova Iorque: Columbia University Press, 1947.

DA CAL, Ernesto Guerra. Epitaph for a Small Winner, by J. M. Machado de Assis. In: *A Voz de America*. Nova Iorque, 21-VII, 1952.

DA CAL, Ernesto Guerra. Casimiro de Abreu, José de Alencar, Aluizio de Azevedo, Castro Alves, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias, Machado de Assis e Portuguese Literatura. Nova Iorque: Colliers Encyclopedia, 1952-1953.

DA CAL, Ernesto Guerra. *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*. Coimbra, 1954: Por Ordem da Universidade, (tradução portuguesa in Lisboa: Aster, 1967, realizada por Helena Cidade Moura; tradução brasileira in Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro [de colaboração com a Universidade de São Paulo], 1969, de Estella

Glatt; tradução portuguesa “definitiva”, in Coimbra: Almedina, 1981, de Elsie Allen da Cal de colaboração com o próprio autor).

DA CAL, Ernesto Guerra. (1956-1960), “Acácio”, “Alencar”, “*Cidade (A) e as Serras*”, “*Crime (O) do Padre Amaro*”, “Ega, João da”, “Fradique Mendes”, “Gonçalo Mendes Ramires”, “*Ilustre (A) Casa de Ramires*”, “Jacinto”, “Jose Matias”, “Juliana”, “Luísa”, “*Maias (Os)*”, “*Mandarim (O)*”, “*Primo (O) Basílio*”, “*Relíquia, A*”, “Eça de Queiroz”, “Realismo”, “Geração de 70”, “Questão Coimbrã”, e “Vencidos (Os) da Vida”, in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Jacinto do Prado Coelho (dir.), Porto: Figueirinhas. (Edição Brasileira in Rio de Janeiro: M. Aguilar, 1961).

DA CAL, Ernesto Guerra. “O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos”, (palestra proferida na UFRJ em Janeiro de 1970, publicada nesse mesmo ano no *Jornal do Commercio* de Recife, em 5 de Julho; e no *Correio do Povo* de Porto Alegre em 18 e 25 de Outubro; reeditada na revista *Agália*, nº 73/74, segundo semestre 2003, p. 207-222, 1970).

DA CAL, Ernesto Guerra. *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projecção no Romance Ibérico*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1973.

DA CAL, Ernesto Guerra. *Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1975-1984.

DA CAL, Ernesto Guerra. A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: «A Missa do Galo». In: *Homenagem a Rubém Andressen Leitão*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 139-144, 1981.

ELIA, Silvio. *Sílvio e Sílvia*, uma aproximação estilística. In: *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 141-151, 1964.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 1974.

GLEDSON, John. *Machado de Assis. Impostura e Realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GÓMEZ, Joel R.. *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*. Sada-A Corunha: Ed. do Castro, 2002.

GÓMEZ, Joel R.. Estratégias de canonização. O ensaio de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós como modelo para Machado de Assis. In: *Agália*, n. 89-90 , 1º Semestre, p. 101-127, 2007.

LIMA, Alceu Amoroso. Mensagem. In: *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 287-289, 1964.

MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. Professor espanhol (doutor em Eça) está no Rio: Até a voz é boa. In: *Jornal do Brasil*, 21-XI-1958.

MONTEZUMA DE CARVALHO, Joaquim. (20/21-XI-1970), Elogio do escritor galego Ernesto Guerra da Cal. In: *A Tribuna* (Lourenço Marques), p. 5 e 10 (trabalho reproduzido in: *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, Lourenço Marques, 1970, n. 164-165, p. 23-31, reeditado em separata em 1972; *O Estado de São Paulo*, 10-I-1971, p. 4 do "Suplemento Literário"; *Grial*, 1971, n. 31, p. 104-108; *Norte* (México), Septiembre-October 1971, p. 47-49 em versão espanhola).

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

SUED, Ibrahim. Hoje esta coluna é literária. In: *O Globo*, 17-I-1970.

SUED, Ibrahim. Machadolatria. In: *O Globo*, 3-VII-1970.

TROTA, Teresa. Ernesto da Cal: Eça e Machado. In: *Jornal do Brasil* (suplemento dominical), 7-XII-1958.

VILLAÇA, António Carlos. Ernesto Guerra da Cal entre Eça e Machado. In: *Jornal do Brasil*, 9-VIII-1975.

#### Trabalhos sem assinar:

Centenario de Eça de Queiroz. In: *Revista Hispânica Moderna*, v. XII, p. 176, I-IV-1946.

Guerra da Cal vai estudar o estilo de Machado de Assis. In: *Jornal de Letras*, p. 1, XII. Rio de Janeiro, 1958.

Ernesto Guerra da Cal. In: *Visão*, p. 22-23, 17-IV-1959.

Da Cal, Professor galego de Nova Iorque, depois de Eça fará crítica de Machado. In: *Correio da Manhã*, 2-VIII. Rio de Janeiro, 1959.

## NOTAS

<sup>1</sup>As primeiras novas ao respeito foram recolhidas pela imprensa no mês anterior. Para mais dados sobre este e outros assuntos referidos no presente trabalho ver Gómez (2002 e 2007).

<sup>2</sup> Desde 1952 Da Cal era colaborador semanal desta estação de rádio oficial dos EUA.

<sup>3</sup> Críticos como Gilberto Freyre, Sílvio Elia, Silveira Bueno ou Moacyr de Albuquerque já se tinham ocupado na altura do estudo estilístico de Da Cal em publicações brasileiras. Veja-se ao respeito a bibliografia indicada na nota 1.

<sup>4</sup>Portella era dos principais defensores da renovação da crítica brasileira com a introdução de metodologias como as que representava Da Cal. Nesse congresso consegue-se o reconhecimento de novas matérias para os estudos literários no Brasil, um objectivo central de aquele acontecimento.

<sup>5</sup> Assim, v. gr., por duas vezes o sublinhara o *Jornal do Brasil*, portanto, note-se, um jornal de informação geral debruçado sobre um assunto assim convertido em interesse geral- aos 21 de Novembro de 1958, num trabalho assinado por Mauritônio Meira, em que se assinalava que, com ensejo da visita realizada na altura ao Rio levava “grande material” sobre Machado para aquele estudo; e poucos dias mais tarde, aos 7 de Dezembro, numa reportagem de Teresa Trota publicada no suplemento dominical, em que garantia que Da Cal ia começar “a introdução, que já lhe foi encomendada por José Aguilar, da edição das *Obras Completas de Machado de Assis*, a ser lançada na grande coleção de clássicos luso-brasileiros desse editor”. Uma introdução que mesmo preparou (mas não se incluirá nas *Obras Completas machadianas* nem em outro lugar), a nos fiarmos do testemunhado poucos meses após, aos 17 de Abril de 1959, numa reportagem que lhe foi dedicada em *Visão*, publicação central para a informação da actualidade brasileira e, sobretudo, da económica. O aparecer nas páginas dessa revista evidencia como Da Cal ultrapassava o âmbito dos especialistas em Letras e atingia umha pgressiva projecção social no Brasil, o que era favorecido sem dúvida polo papel que desempenhara para pôr em andamento o já referido Instituto Brasileiro da NYU.

<sup>6</sup> Os dous acontecimentos ecoaram na comunicação social brasileira de diferentes maneiras. Entre os que se ocuparam do “Seminar on American Literature and English Language”, celebrado em Janeiro sob patrocínio da Faculdade de Letras da UFRJ e da Embaixada dos EUA, esteve o conhecido cronista social do jornal *O Globo* Ibrahim Sued, quem mesmo meses mais tarde, em 3 de Julho de 1970, dedicou um comentário a umha conferência de Da Cal sobre o impacto

da cultura brasileira nos Estados Unidos, concluindo ter sido instalada em Manhattan “uma verdadeira religião: a Machadolatria”.

<sup>7</sup> Outros exemplos podem ser citados desse volume, que se publicou com texto prefacial de apresentação assinado por Afrânio Coutinho, em que este nome central do Campo da Crítica Literária brasileiro afirmava que (Coutinho, 1973: 7 e 8) “a obra e a história de Eça foram por ele redimensionadas” e anunciava que “Atualmente, projeta ampliar as suas investigações pelo universo novelesco de Machado de Assis”, o que prova até que ponto se confiava em que o fizesse. Até na África e no México se difundiu aquele projeto, num trabalho de Joaquim Montezuma de Carvalho (20-XI-1971) que afirmava “pretende estudar Machado de Assis como estudou superiormente Eça de Queiroz”.

<sup>8</sup> Nem era fácil que isso acontecesse em vida, por outra parte, pois Da Cal tinha estudado toda a produção editada de Eça em vida, junto com a semipostuma e a póstuma, segundo ele a classificou.

<sup>9</sup> Da Cal transferira-se para esta Universidade em 1964; e nela se aposentará em 1977, como Professor Catedrático Emérito de Literatura Comparada, a matéria emergente nos estudos literários da altura.

<sup>10</sup> Nesse livro de 1954 também se anunciavam como iminentes a Bibliografia Queirociana e o volume segundo do estudo, dois projectos a que se referirá em numerosas ocasiões, como se evidencia em Gómez (2002).